

A transferência na clínica psicanalítica: diferenças e similaridades entre as concepções de Freud e Lacan

Transference in psychoanalytic practice: Differences and similarities between the conceptions of Freud and Lacan

Thais Soares Rua^a e Terezinha A. de Carvalho Amaro^b

a: Graduanda do curso de Psicologia do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas - FMU, Brasil

b: Psicóloga, Pós Doutora e Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas - FMU, Brasil

RESUMO

A proposta do artigo é explorar com profundidade a origem do conceito de transferência em Freud e Lacan, suas transformações no decorrer do tempo, com uma análise entre os dois autores. Trata-se de pesquisa qualitativa de caráter exploratório, com delineamento bibliográfico. Ao analisar essas abordagens, observa-se de maneira significativa que ambas contribuem para a compreensão do fenômeno da transferência, cada uma oferecendo uma perspectiva que enriquece a prática clínica. Pode-se dizer que tanto para Freud quanto para Lacan, o psicanalista que opera do seu lugar, não se utiliza do poder devido à força da transferência, mas a acolhe e a utiliza como material para a análise.

Descritores: psicanálise, transferência em psicologia, teoria freudiana, teoria lacaniana

ABSTRACT

The proposal of this article is to explore in depth the origin of the concept of transference in Freud and Lacan, its transformations over time, with an analysis comparing the two authors. It is a qualitative, exploratory research with a bibliographic design. By analyzing these approaches, it is significantly observed that both contribute to the understanding of the transference phenomenon, each offering a perspective that enriches clinical practice. It can be said that, for both Freud and Lacan, the psychoanalyst operating from his/her position does not use power due to the force of transference, but rather welcomes it and uses it as material for analysis.

Descriptors: psychoanalysis, transference/psychology, freudian theory, lacanian theory

INTRODUÇÃO

A transferência é um dos conceitos mais centrais na prática clínica, pois revela como o inconsciente se manifesta na relação entre paciente e analista, influenciando diretamente no desenvolvimento da análise.

Na perspectiva Freudiana, a transferência é vista como uma repetição de fantasias e desejos inconscientes, muitas vezes relacionados às experiências da infância, que se manifestam na relação com o analista. Freud relaciona esse fenômeno às neuroses, destacando sua importância na resolução dos conflitos psíquicos. Além disso, ele introduz o conceito de

contratransferência, que se refere ao impacto das projeções do paciente no psiquismo do analista, sendo fundamental para o manejo da análise¹.

Por outro lado, dentre suas diversas formulações, Lacan teoriza o fenômeno transferencial a partir da dimensão epistemológica, quando determina como seu pivô a função do 'sujeito suposto saber'². Para ele, o analista ocupa uma posição de sujeito suposto saber e a relação transferencial deve ser compreendida como uma demanda de amor, que não deve ser atendida.

Este trabalho tem como objetivo a compreensão do fenômeno da transferência em psicanálise, analisando as contribuições destes dois grandes nomes da teoria: Sigmund Freud e Jacques Lacan. Refletir sobre o papel da transferência no andamento da análise, tendo como base os princípios teóricos, a perspectiva relacional de subjetividade, do laço entre analista e analisante a partir dos conceitos psicanalíticos.

Sigmund Freud, o pai da Psicanálise

Batizado em 1856 de Sigismund Schlomo Freud e nascido na Morávia, em Freiberg, Freud se muda para Viena com a família aos 4 anos e torna-se então Sigmund Freud. Estuda medicina, curso que conclui aos 25 anos, tendo se especializado em neurologia. Nesse mesmo ano, casou-se com Martha Bernays. Após muitos experimentos clínicos, Freud desenvolve o método da "cura pela fala", que vem a se tornar a inovadora e polêmica técnica da Psicanálise.

De acordo com Zimerman, há notícias de 284 cartas que Freud trocou com o amigo e médico Dr Fliess durante 15 anos, onde são apresentadas diversas ideias psicanalíticas em desenvolvimento. Além disso, foram publicados mais de 300 títulos entre livros e artigos, com casos clínicos, metapsicologia/teoria, textos de teor mais prático, com foco na técnica e por fim, obras que pensam na articulação da psicanálise com áreas do humanismo, como religião, mitologia, arte, figuras históricas, massas e sociedade⁴.

Em 1908 Freud funda a Sociedade de Psicanálise em Viena, que garantiu a continuidade dessa escola de pensamento. No final da vida, em razão da segunda guerra mundial e perseguição nazista, Freud muda-se de Viena para Londres, onde vive até sua morte, em 1939.

Psicanálise: um breve panorama

A psicanálise nasce como um método científico para estudar o inconsciente. Segundo Peter Gay, um grande biógrafo que descreveu sobre a vida de Sigmund Freud, o termo "psicanálise"

foi eleito por Freud em 1896, em francês, e logo depois em alemão, mas desde antes ele já vinha se debruçando nos estudos da psicanálise³, preliminarmente, com o uso da hipnose, já utilizada pelo neurologista francês Jean-Martin Charcot, em 1885. Depois, quando conhece o também médico, Josef Breuer, que consegue grandes avanços no tratamento de uma paciente (Anna O.), utilizando a hipnose e solicitando que ela descrevesse suas fantasias e alucinações. Em parceria com Breuer, Freud publica “Estudos sobre a histeria (1895)”.

Conforme Freud vai direcionando sua teoria para o tema da sexualidade da criança, Breuer abandona a psicanálise, ao que Freud segue sozinho no método da cura pela fala, abandonando assim a hipnose.

A partir do atendimento de outra paciente, Elisabeth Von R., Freud chega ao conceito de associação livre, método utilizado no atendimento psicanalítico até os dias de hoje. Conforme Zimerman, foi nesse momento em que Freud percebeu que as barreiras contra algumas recordações e associações funcionavam como resistências involuntárias que estavam ligadas a repressões daquilo que era proibido, traumas sexuais ou até mesmo fantasias reprimidas⁴.

Então, Freud adentra em um campo até o momento muito desconhecido, propondo a existência de uma dinâmica inconsciente, com leis e fenômenos específicos, alguns explicados pelas novas teorias, e outros a serem explicados e comprovados a partir de cogitações metapsicológicas. Num primeiro momento, em 1897, ele descreve a estrutura da mente como sendo formada por consciente, inconsciente e pré-consciente, o que veio a ser nomeada de primeira tópica⁵. Com o avanço dos estudos, surge a segunda tópica, em 1923, formada por ego, id e superego⁶.

Jacques Lacan

Na escola francesa de psicanálise, temos como representante maior a ser citado, Jacques Marie Émile Lacan, um psicanalista francês que retomou os estudos de Sigmund Freud. Jacques Lacan nasceu em Paris no dia 13 de abril de 1901, onde viveu até 1984. Embora sempre destacando fidelidade irrestrita a Freud, fez grandes reinterpretações dos textos freudianos, trazendo uma dimensão estruturalista para a psicanálise. Lacan é nascido em uma família de classe média, católica e conservadora, que subsistia a partir da fabricação de vinagre e mostarda em Orleães.

Lacan se formou em medicina e se especializou em psiquiatria entre 1927 e 1931, tendo sido residente no Hospital Saint-Anne, em Paris. Em 1932 defendeu sua tese de doutorado sobre paranoia. Após formado, atuou como psiquiatra e psicanalista na capital francesa.

O psicanalista foi um dos principais responsáveis pela divulgação dos estudos de Freud no seu país, a partir da década de 30. Influenciado pela linguística de Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson – e pela antropologia de Lévi-Strauss – Lacan propôs uma nova concepção de inconsciente estruturado como linguagem.¹⁶

Outra peça importante do quebra-cabeça lacaniano é a distinção e a definição dos conceitos de imaginário, simbólico e real.¹⁶ Além de uma prática terapêutica disruptiva, com o objetivo de fazer com que o paciente escute o que está sendo dito e com duração variável, introduzindo o conceito de corte de sessão por tempo lógico.

MÉTODO

Trata-se de pesquisa bibliográfica de caráter exploratório com vistas a análise dos conceitos de Transferência segundo Sigmund Freud e Jaques Lacan.

Foram contemplados alguns dos escritos dos autores em referência e escolhidos os textos de Freud do período de 1912 a 1923, e de Lacan do período de 1953 a 1961, sobre a descrição do fenômeno da transferência. Além de textos contemporâneos de 2020 a 2024 que integram a análise deste estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da pesquisa feita foi possível organizar os resultados em categorias conceituais e que são descritas a seguir:

1. A transferência: apontamentos conceituais entre Freud e Lacan. A conceituação de transferência apresentada por Laplanche e Pontalis⁷ é descrita como ‘o processo pelo qual desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da situação analítica. Trata-se aqui de uma repetição de protótipos infantis vivida com um sentimento de atualidade acentuada’^{7:514}. A transferência pode ser entendida como positiva ou negativa, podendo transitar entre o ódio e a paixão. E justamente essas posições extremadas que são úteis para a resistência ao tratamento: a transferência negativa, que pode trazer à tona a gama de sentimentos e reações hostis, ou a positiva “apaixonada”, de impulsos eróticos. A transferência positiva de sentimentos afetuosos, é menos importante em termos de influência ao tratamento, já que se trata de sentimentos facilmente aceitos pela consciência¹.

2. A Transferência em Freud

Ao longo de sua vasta obra, Freud¹ desenvolveu diversas teorias sobre transferência. A primeira vez que menciona o termo foi em *A psicoterapia da histeria* (1893-1895), mas ainda não como conceito especificamente. Ele vai falar de um *falso enlace* com a figura do médico (analista), em que a pessoa do médico era confundida com outra, e ao tempo presente com passado. Neste texto de 1895, a transferência era de um tipo de desejo inaceitável⁵. Esse foi o primeiro material identificado como transferido, o que depois vai tomar outras formas e se expandir. Minerbo⁸ resume em um parágrafo como esta trajetória com o tema vai avançando e se modificando no decorrer dos anos: “... em 1914, Freud¹ dirá que o que se transfere é o modo de ser, a própria neurose (neurose de transferência). Em 1920, a transferência terá a ver com o pulsional não ligado – o id, a pulsão de morte. Por fim, em 1921, ele falará da transferência do ideal do ego e do superego”^{8:35}.

Retornando para 1905, é quando a transferência aparece como realmente um conceito, que podemos encontrar no trecho a seguir, presente no posfácio subsequente ao caso Dora:

O que são transferências? São reedições, reproduções das moções e fantasias que, durante o avanço da análise, soem despertar-se e tornar-se conscientes, mas com a característica (própria do gênero) de substituir uma pessoa anterior pela pessoa do médico. Dito de outra forma: toda uma série de experiências psíquicas prévia é revivida, não como algo do passado, mas como um vínculo atual com a pessoa do médico^{9:111}.

Então Minerbo⁸ descreve que, a partir do caso Dora, Freud passa a conhecer uma transferência implícita, diferente das que observava antes dela. Essa que precisa ser adivinhada e só aparece em momentos de estagnação, impasse ou ruptura. Começa a aparecer já aí uma noção de contratransferência, que refere ao que o analista faz ou sente. Mas esse termo é introduzido por Freud oficialmente somente em 1910, no texto *As perspectivas futuras da terapia analítica*. Para Minerbo⁸, a contratransferência seria uma resposta do analista ao que vem do paciente, resultado da influência inconsciente do analisando sobre os sentimentos inconscientes do analista. A autora destaca que isso poderia se transformar em um entrave para a análise. Ela traz ainda que Freud⁹ vai dizer é que é necessário reconhecer e dominar a contratransferência. “Escutar analiticamente significa tentar reconhecer quem – qual identificação – está falando pela boca do paciente e qual identificação complementar que ele nos convida a atuar na contratransferência”^{8:36}

Em 1912, Freud escreve o texto *A dinâmica da transferência*, onde ele vai discutir bastante a correlação entre resistência e transferência, além de dividir a transferência entre positiva e negativa. Então ele nota que não é fácil interpretar a transferência negativa, pois a interpretação é o que acaba sendo alvo dessa própria transferência. Partindo desta conclusão

é que Freud vai pensar em neurose de transferência no seu texto de 1914, *Recordar, repetir e elaborar*¹.

Se na conceituação de 1905 o termo transferência está no plural, referindo-se a fantasias que a análise desperta, em 1914 o termo passa a ser usado no singular: neurose de transferência. Não serão mais referências a afetos isolados que se depositam no analista, mas sim a um modo de ser sintomático, a identificações. Neste texto ele traz a repetição como uma necessidade para a elaboração em forma de ato. O termo usado por Freud¹ para descrever esse fenômeno é “*agieren*”.

Neste momento da formulação do conceito de neurose de transferência situa-se a primeira tópica e a primeira teoria das pulsões (sexuais e de autoconservação). “O *agieren* está relacionado com o recalque do desejo sexual infantil e com o retorno do recalcado – das moções sufocadas que procuram expressão nos sintomas – e também está em vigência do princípio do prazer. Isso é o que denominamos transferência neurótica.”^{8:68}.

Anos depois, Freud¹ ampliou a clínica para além da neurose e com *Além do princípio do prazer* aparecem os conceitos de trauma, identificação e compulsão à repetição⁶. Ao que Minerbo⁸ resume como:

Com a segunda teoria das pulsões (pulsões de vida e de morte), Freud verá a transferência - um novo tipo de transferência - como principal exemplo e manifestação da compulsão à repetição do traumático. A pulsão de morte seria o próprio pulsional não ligado; o sujeito repete em busca de ligação. Com a segunda tópica (id, ego, superego), surgirá a ideia de transferência como atualização de identificações inconscientes constituídas nas relações com o objeto primário^{8:68}.

Em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud estuda principalmente a relação com um líder, mas também o apaixonamento e a hipnose. Ele conceitua então a ideia de transferência de instâncias psíquicas, em que existe uma transferência de ideal do eu sobre o objeto (no caso de uma paixão amorosa), do ideal do eu sobre o hipnotizador (no caso da hipnose) e do superego sobre o líder, que assume um lugar de representante interno de autoridade paterna. A partir daqui a transferência passa a ser percebida como uma atualização de identificações⁶. E para apontar isso, ressalta-se novamente uma passagem de Minerbo⁸:

A ideia de que a transferência é colocação em ato de identificações tem consequências clínicas fundamentais. Quando o paciente fala, é preciso reconhecer “quem” nele está falando, isto é, que identificação; e com “quem” está falando, isto é, qual é a posição identificatória complementar que está sendo atribuída ao analista^{8:83}.

3. A Transferência em Lacan

Entendendo que, embora Jacques Lacan tenha se inspirado em Sigmund Freud em grande parte de seus conceitos fundamentais, ele também desenvolveu suas próprias ideias e teorias que se distanciam de Freud em vários aspectos. Lacan¹⁰ reinterpreto muitos dos conceitos freudianos, trazendo novas perspectivas sobre a psicanálise, e neste tema em questão: a transferência. Para ele, a transferência é um fenômeno em que o sujeito e psicanalista estão incluídos conjuntamente, tanto que Lacan não fala em contratransferência, e sim em transferência do analista. Logo no seu primeiro seminário, *O seminário, livro 1, os escritos técnicos de Freud*, Lacan afirma que “a importância crescente hoje atribuída à contratransferência significa o reconhecimento do fato de que na análise não há somente o paciente. Se é dois - e não apenas dois.”^{10:11}

Apesar de abordar o assunto sucintamente desde o seu primeiro seminário, é apenas após oito anos que Lacan vai abordar a transferência como tema central, em *O seminário, livro 8, a transferência*. Aqui encontraremos logo no início a ideia de que “No começo da experiência analítica, vamos lembrar, foi o amor”^{2:13}. Ele vai dizer que o sujeito procura o analista para que este lhe ensine o que lhe falta, e que, pela natureza da transferência esse aprendizado virá a partir do amor, ou seja o analista está ali para que o analisante o ame^{2:26}.

Então Lacan se propõe a analisar o Banquete de Platão, para pensar na proximidade entre amor e transferência e ele explica que existem duas posições importantes: a do amante (Éron), sujeito do desejo, a quem falta algo e deseja o amado e a do amado (Érômenos), que tem algo, mas não sabe o quê. De acordo com Quinet “se não há análise possível sem a emergência do sujeito suposto saber é porque ele se articula com a demanda de amor que abre o registro da transferência”^{11:99}.

Utilizando-se da leitura do Banquete em associação com a problemática da transferência, Lacan demonstra como o amor deve ser manipulado pelo analista em uma sessão psicanalítica. Considerando que quem ama quer ser amado, ou seja, amor demanda amor, podemos pensar então que o amor de transferência é uma demanda de amor. Segundo Quinet “a não resposta à demanda de amor presente na transferência é o que Freud enunciou como a regra da abstinência no texto *Observações sobre o amor de transferência*”^{11:99}. Neste texto, Freud¹ afirma que o analista deve permitir que a necessidade e o anseio do paciente permaneçam, para que sirvam de força para o trabalho e a realização de mudanças. Quando pensamos o tratamento analítico no campo da fala e da linguagem, traduzimos essa abstinência do analista no ato de manter a demanda e o desejo do analisante insatisfeitos. E é nesse contexto que afirma Quinet:

É pela não resposta à demanda que surgem os significantes ligados à demanda inconsciente (necessidade significantizada) através dos quais o desejo pode-se articular. Uma das formas de o analista não responder à demanda é calar – o silêncio do analista –, pois essa é a única possibilidade de fazer emergir esses significantes na associação livre^{11:99}.

No capítulo *A transferência no presente*, do seminário 8, Lacan conecta suas reflexões acerca do amor e do desejo ao fenômeno da transferência. Ele também propõe uma síntese do grafo do desejo, ressaltando a função que o amor tem em relação ao desejo². Referente a isto, Rodrigues traz a seguinte reflexão:

O desejo, em relação à falta, deve ser concebido como um processo metonímico que coloca no lugar da fala a possibilidade do deslizamento infinito de significantes. O amor, ao contrário, representa a possibilidade de encontrar um objeto que permaneça como a metáfora perfeita da falta, ou seja, que possa encarnar a própria fantasia fundamental do sujeito. Mas se o desejo permanece em eterno deslizamento e o amor pode pôr fim a esse deslizamento, a questão seria perceber a relação que liga o Outro a quem a demanda de amor é endereçada, à aparência de um desejo^{12:33}.

Ela traz ainda que, ao mesmo tempo em que a experiência de amor implica a presença de um Outro para quem é endereçada a demanda de amor, a estrutura do desejo implica a redução deste Outro ao status de objeto *a que* está relacionado à fantasia fundamental do sujeito. De acordo com Rodrigues (2024) “O fato de amarmos é o que detém a alternância constante de sujeitos-objetos do desejo metonímico. No entanto, justamente porque nos apaixonamos é que estamos constantemente ameaçados de desaparecer como sujeitos em frente ao Outro a quem endereçamos nossa demanda mais fundamental”^{12:33}.

Segundo Quinet¹³, a decisão de procurar um analista está relacionada à hipótese de que ali existe um saber sobre o sintoma ou sobre o que aquele sujeito quer se desvencilhar. Porém, o analista não deve identificar-se com essa posição, já que, a ideia é que ele será usado como objeto, para propiciar com que emerja no paciente o sujeito de desejo¹³.

Ao surgimento do desejo, sob a forma de questão, o analisante responde com amor; cabe ao analista fazer surgir nessa demanda a dimensão do desejo, que é também conectado ao estabelecimento do sujeito suposto saber. Este corresponde, condicionando-o a um sujeito suposto desejar^{13:29}.

Outra função do analista é fazer com que emerja ali o inconsciente do paciente, “para que o próprio sujeito possa encontrar as cifras do seu destino, seus significantes-mestres (S1)”^{11:29}. Não é a pessoa do analista que está ali escutando, e sim o Outro do analista, lugar que ele deve ocupar para assim representar todos os que ocuparam o lugar de Outro na vida daquele sujeito. Nisto existe um tanto da repetição, já que “a transferência indica a presença em ato de um passado, uma repetição com algo de criador. É como aquilo que lhe falta se articula o

que ele vai encontrar na análise, a saber, seu desejo”^{12:34}. Assim sendo, o analista deve ser capaz de manejar a transferência no sentido de descolar transferência de repetição, caso contrário ele entrará em repetição conjunta com seu paciente. Por isso que Lacan (1964/1996) vai dizer que “por trás do amor dito de transferência, podemos dizer que o que há é a afirmação do laço de desejo do analista com o desejo do paciente”^{14:240}.

Uma vez que o paciente se sente atraído por algo que o analista tem, supõe que exista ali um saber e um sujeito. É quando o analista deve retirar-se e ser apenas objeto, para que possa aparecer neste paciente o sujeito de desejo. Rodrigues (2024) vai propor então que, se o manejo necessário a ser feito com a transferência ficar impedido, a análise pode ficar parada, em repetição conjunta^{12:36}. Ela relembra que “Freud sublinha que o tratamento psicanalítico deve, tanto quanto possível, efetuar-se num estado de frustração e abstinência”^{12:39}. Neste prisma temos o debate acerca do uso da contratransferência. Lacan não nega que o analista possa ter sentimentos contratransferenciais, mas critica os analistas kleinianos anglo-saxões que tendem a comunicar aos pacientes estes sentimentos. “Segundo Lacan, esse não seria um modo de fazer função analítica e isto apenas manteria o analisando submetido às mesmas repetições que vive com outras pessoas de seu convívio”^{12:40}. Ou seja, Lacan retorna à regra da abstinência, de Freud.

Portanto, Lacan coloca a contratransferência como algo sem objetivo. Ele entende que os sentimentos contratransferenciais não é o que produz efeito no inconsciente do paciente, mas sim o que ele vai chamar de desejo de analista, que é o que surge ao longo da análise, no desenvolvimento do inconsciente.

Ou seja, segundo Lacan, não são sentimentos contratransferenciais, mas o inconsciente flexível promovido por meio da análise pessoal que permite ao analista ocupar uma posição que pode causar desejo ao analisando. Em vez de seguir os sentimentos contratransferências, é o desejo de analista que deve superá-los^{12:41}.

Não se trata do desejo como pessoa, mas como alguém que é colocado no lugar de Outro pela fala do analisando, ou seja, numa terceira posição que inviabiliza a relação analítica como uma relação apenas dual. De alguma forma Lacan sustenta que é este desejo de analista que o protege de sentir tantas coisas com relação ao paciente. Não deixa de ser importante, portanto, que a psicanálise lacaniana possa olhar e debater sobre as dificuldades relacionadas ao desejo de analista, uma vez que Lacan insere este como principal motor de uma análise, no lugar da contratransferência.

4. Similaridades e diferenças entre Freud e Lacan

Apesar das diferenças entre Freud e Lacan, ambos concordam que a ética é fundamental na prática clínica e no manejo da transferência. Ela serve como uma orientação para evitar que o analista exerça poder de forma inadequada, como quem tenta controlar ou impor o que é o bem ao paciente. Lacan alertou que esse desejo de fazer o bem pode esconder uma forma de poder maligna, pois muitas vezes se baseia em ideias sociais e culturais que limitam a autonomia do sujeito, fazendo-o aceitar verdades impostas.

Freud também relacionou transferência ao poder, especialmente na neurose, ao falar sobre o medo da castração do Outro. Ele afirmou que a transferência não é responsabilidade exclusiva da psicanálise, pois, fora dela, ela pode ser usada de forma indevida, levando à servidão, em relações em que existe algum tipo de hierarquia e a pessoa com maior poder faz uso da transferência em benefício próprio. Na análise, a relação entre analista e paciente é uma troca de posições, onde a transferência envolve uma suposição de saber do analista, mas, com o manejo ético, ela pode ajudar o paciente a mudar sua relação com o poder em outras áreas da vida.

Freud abordou a transferência em vários textos, especialmente entre 1895 e 1915, sempre destacando a importância de uma postura ética. Ele advertia que o analista não deve usar a terapia para exercer poder ou ambição de cura rápida, pois isso prejudica o processo, que deve respeitar o trabalho interno do paciente. Conforme Maesso¹⁵ “os artigos técnicos são breves e sem regras rígidas, mas Freud¹ é enfático quanto à advertência ética de que o psicanalista não deve ceder à ambição terapêutica e educativa, que configurariam um exercício de poder contrário à proposta de tratamento. O *furor sanandi* pode ser entendido como a pressa em eliminar o sintoma, que foi criticada por Freud, porque reduz o tempo necessário para o analisante realizar o devido trabalho psíquico e por ser o sintoma um meio de semi-dizer a verdade”¹⁵.

Lacan, por sua vez, usou a ética aristotélica como base, mas com uma visão invertida. Como afirma Maesso¹⁵, “enquanto Aristóteles pressupõe uma finalidade da ação, definida pelo encontro da felicidade, para Lacan a ação não encontra seu fim, mas sua continuidade numa cadeia de significantes que substitui o significado”¹⁵. A partir disso, ela segue com a proposta de Lacan trazendo a repetição dessa demanda de felicidade na situação analítica, que por não ser alcançada, revela a formulação de um desejo. Concluindo então que “a ética do desejo e a ética do bem-dizer são outros nomes para a ética da psicanálise”¹⁵.

E mais ainda, Lacan¹⁴ adverte: “Considerar que nós nos distinguimos daquele que se apoia em seu poder sobre o paciente para fazer a interpretação ser aceita, daquele que sugestiona, portanto, pelo fato de que vamos analisar esse efeito de poder, que é isso se não remeter a

questão ao infinito?". E acrescenta: "não há nenhuma possibilidade de sair, por esse caminho, do círculo infernal da sugestão"^{14, 440}.

Ao comparar essas duas abordagens, podemos perceber que, enquanto Freud focaliza a transferência como uma repetição de fantasias, desejos inconscientes e conflitos passados, substituindo pessoas do passado pela figura do analista, Lacan a interpreta como uma demanda de amor, que deve ser manejada com atenção ao desejo de analista.

CONCLUSÃO

A partir deste estudo, foi possível perceber que a transferência, embora seja um conceito central na prática psicanalítica, possui interpretações distintas nas teorias de Freud e Lacan.

Para Freud, este fenômeno representa uma repetição de fantasias e desejos inconscientes ligados às experiências infantis, sendo fundamental para a resolução de conflitos psíquicos. A contratransferência, nesse contexto, é uma resposta do analista às projeções do paciente, devendo ser reconhecida e controlada para que o processo analítico seja eficaz.

Já Lacan enfatiza que a transferência é uma demanda de amor, uma tentativa do sujeito de preencher a falta por meio do desejo do analista. Ele vê a transferência como uma relação entre o desejo do sujeito e o desejo de analista, onde o analista ocupa uma posição de objeto a (objeto causa do desejo). Para Lacan, não há uma contratransferência como conceito separado; o mais relevante é o desejo de analista, que deve ser manejado para evitar que a análise se torne uma repetição.

Ao comparar essas abordagens, fica claro que ambas contribuem de maneira significativa para a compreensão do fenômeno, cada uma oferecendo uma perspectiva que enriquece a prática clínica, a depender da orientação teórica do analista.

Portanto, tanto em Freud quanto em Lacan, podemos dizer que o psicanalista que opera do seu lugar, não se utiliza do poder que a sugestão lhe confere devido à força da transferência, mas a acolhe e a utiliza como material para a análise.

REFERÊNCIAS

1. Freud S. A dinâmica da transferência. In: ___. Obras Completas. Rio de Janeiro: Edição Standard Brasileira, v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 129-143. (Original publicado em 1912).
2. Lacan J. O seminário. Livro 8. A transferência. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. (Original publicado em 1960-1961).

3. Gay, P. Freud, uma vida para o nosso tempo. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
4. Zimerman D. Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed, 1999.
5. Freud S. Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I). In: __. Obras Completas. Rio de Janeiro: Edição Standard Brasileira, v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 161-187. (Original publicado em 1913).
6. Freud S. O ego e o id. In: __. Obras Completas. Rio de Janeiro: Edição Standard Brasileira, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976. P.11-83. (Original publicado em 1923).
7. Laplanche J.; Pontalis J-B. Vocabulário da Psicanálise. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
8. Minerbo M. Transferência e contratransferência. 2ª Ed. São Paulo: Blucher, 2020.
9. Freud S. Observações sobre o amor transferencial (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III). In: __. Obras Completas. Rio de Janeiro: Edição Standard Brasileira, v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 205-223 (Original publicado em 1915).
10. Lacan J. O seminário. Livro 1. Os escritos técnicos de Freud. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. (Original publicado em 1953-1954).
11. Quinet A. A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
12. Rodrigues DS. A análise está andando? A repetição conjunta como índice para estimar o progresso do tratamento psicanalítico. São Paulo: Benjamin Editorial, 2024.
13. Quinet A. As 4+1 condições da análise. 1ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
14. Lacan J. Escritos. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
15. Maesso MC. A Estratégia da Transferência na Psicanálise como Contradispositivo. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília, volume 36, 2020. Disponível em: [SciELO Brasil - A Estratégia da Transferência na Psicanálise como Contradispositivo A Estratégia da Transferência na Psicanálise como Contradispositivo](#). Acesso em: 28/04/25.
16. Prado L. Como Lacan renovou a psicanálise e a aproximou das ciências humanas. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/como-lacan-renovou-a-psicanalise-e-a-aproximou-das-ciencias-humanas/>. Acesso em: 26/05/25.

CONTATO

Thais Soares Rua: thais_rua@yahoo.com.br